



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFROBRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
LICENCIATURA EM LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA**

ANGEL VANESSA DOS SANTOS

**DO OUTRO LADO DO ATLÂNTICO: NARRATIVAS E RELATOS DE
ESTUDANTES GUINEENSES COM O PORTUGUÊS DO BRASIL
EM SÃO FRANCISCO DO CONDE - BA**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2020

ANGEL VANESSA DOS SANTOS

**DO OUTRO LADO DO ATLÂNTICO: NARRATIVAS E RELATOS DE
ESTUDANTES GUINEENSES COM O PORTUGUÊS DO BRASIL
EM SÃO FRANCISCO DO CONDE - BA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras – Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Denilson Lima Santos.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2020

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

S233d

Santos, Angel Vanessa dos.

Do outro lado do Atlântico : narrativas e relatos de estudantes guineenses com o Português do Brasil em São Francisco do Conde - BA / Angel Vanessa dos Santos. - 2020.

41 f. : il.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2020.

Orientador: Prof. Dr. Denilson Lima Santos.

1. Letramento - Aspectos sociais - São Francisco do Conde (BA). 2. Língua portuguesa - Regionalismos - Guiné-Bissau. 3. Língua portuguesa - Regionalismos - São Francisco do Conde (BA). I. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Estudantes. II. Título.

BA/UF/SEBI

CDD 469.7

ANGEL VANESSA DOS SANTOS

**DO OUTRO LADO DO ATLÂNTICO: NARRATIVAS E RELATOS DE
ESTUDANTES GUINEENSES COM O PORTUGUÊS DO BRASIL
EM SÃO FRANCISCO DO CONDE - BA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras – Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras - Malês da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

Aprovado em 20 de janeiro de 2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Denilson Lima Santos (Orientador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Examinador(a) 1

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Examinador(a) 2

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente á Deus pelo amor incondicional, pela permissão e grandiosa força durante a minha jornada acadêmica.

Á minha mãe Iná Santos, pelo enorme cuidado e por ter sempre acreditado no meu potencial.

Aos meus familiares pela paciência e compreensão nos momentos em que precisei estar ausente.

Ao meu companheiro Caio Teixeira, pela motivação e incentivo na minha vida pessoal e acadêmica, pelas excelentes indicações de livros e momentos de descontração.

Ao meu quarteto fantástico (Claudiane Pereira, Mônica Reis e Tainá Santos) pelo lindo laço de amizade, e por me motivarem nos momentos de alegrias, mas principalmente nos momentos de tristezas.

A minha amiga e prima, Jacy Barreto pelo companheirismo, e por todos os momentos compartilhados.

Ao grande amor da minha vida, minha querida vizinha, minha ancestral, Estelita M^a Oliveira, que mesmo tendo que partir me deixou lições riquíssimas, aquela que me motivou a não desistir.

Aos meus professores, pelo conhecimento compartilhado os quais foram fundamentais para que eu chegasse até aqui.

Ao meu orientador Prof. Dr. Denilson Santos pela confiança, paciência e dedicação durante a pesquisa.

Aos meus colegas Guineenses, pela grandiosa oportunidade em compartilhar experiências e pela colaboração e apoio durante o estudo.

A todos os meus colegas, amigos e irmãos...

Todos aqueles que colaboraram para o meu progresso...

O meu humilde reconhecimento; o meu muito obrigado!

“A língua é um organismo vivo que varia conforme o contexto e vai muito além de uma coleção de regras e normas de como falar e escrever”.

(Ataliba T. de Castilho)

RESUMO

Este trabalho discute, a partir de narrativas, os relatos de estudante vindos de países de língua oficial portuguesa, especificamente da Guiné-Bissau, que atravessaram o atlântico no intuito de cursar o ensino Superior. Além disso, apresenta suas respectivas impressões em relação ao contato com o português falado no Brasil e o Português falado na Guiné, a partir de suas estadias na cidade de São Francisco do Conde - BA na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Nesse sentido, tem-se como objetivo abordar os modos pelos quais eles experimentam o uso da língua e suas respectivas práticas de Letramento, dentro e fora do âmbito acadêmico. Suas interações, descobertas, tensões e possíveis conflitos em relação a algumas palavras do português que, apesar de se apresentar de forma semelhante em Bissau, traz em si significados distintos no Brasil. Nesta pesquisa teremos por principal interesse apresentar esses relatos de experiências e descobrir de que maneira a Língua Portuguesa falada no Brasil, serviu como língua de acolhimento para a interação e sociabilidade desses estudantes.

Palavras-chave: Letramento - Aspectos sociais - São Francisco do Conde (BA). Língua portuguesa - Regionalismos - Guiné-Bissau. Língua portuguesa - Regionalismos - São Francisco do Conde (BA). Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Estudantes.

ABSTRACT

This paper discusses, from narratives, student reports from Portuguese-speaking countries, specifically Guinea-Bissau, who crossed the Atlantic in order to study higher education, and their respective impressions regarding contact with students. Portuguese spoken in Brazil and Portuguese spoken in Guinea, from their stays in the city of São Francisco do Conde - BA at the University of International Integration of Afro-Brazilian Lusophony (UNILAB) aiming to address the ways in which they experience the language use and its literacy practices, both within and outside the academic realm. Their interactions, discoveries, tensions and possible conflicts in relation to some Portuguese words that, although presented in a similar way in Bissau, bring different meanings in Brazil. In this research we will have as main interest to present these reports of experiences and to find out how the Portuguese Language spoken in Brazil, served as a host language for the interaction and sociability of these students.

Keywords: Literacy - Social aspects - São Francisco do Conde (BA). Portuguese language - Regionalisms - Guinea-Bissau. Portuguese language - Regionalisms - São Francisco do Conde (BA). Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Students.

RUSUMU

É tarbadju na discuti a partir di kil ki faladu, kil ki kontadu pa alunus ku bim di paisis di lingu oficial purtuguis, especialmente kilis di Guiné-Bissau, ku kamba atlântico ku objetivu di fasi kursu supirior, sobri ke ku eta sinti ou pensa a serka di inkontru di purtuguis kuta papiadu na Brasil ku kil kuta papiadu na Guiné, duranti tempu ku esta dja na São Francisco do Conde-BA na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). I tene suma objetivu fasi alunus papia sobri manera ku eta sinti uzu di língua i tambi ku sé pratika di ntindi kusas ó letramento, dentru ku fora di skola. Na sé troka ó inkontru ku utru djintis, na kusas ke diskubri, na kusas kuka kontenta elis até na purbulema di sertu palabras di purtuguis ku mesmu ku é parsi na manera di skirbi entri purtuguis di Guiné-Bissau ku di Brasil eta tene signifikadu diferenti pa é dus tera. Na é tarbadju, no principal interessi na bai sedu mostra kil ku kontadu sobri spiriensia i diskubri kuma ku purtuguis kuta papiadu na Brasil sirbi suma língua di gassidju, de troka ku di djuntamentu des studantis.

Palabras-tchabi: Guiné-Bissau. Língua. Spiriensia. Educason. Gassindju.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BIH - Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades

CPLP - Comunidade dos Países de Língua Portuguesa

L1 - Primeira Língua

L2 - Segunda língua

LA - Língua Adicional

LE - Língua Estrangeira

LGBT - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros

LM - Língua Materna

LO - Língua Oficial

ONU - Organização das Nações Unidas

PALOP - Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa

PEC-G - Programa de Estudantes- Convênio de Graduação

PLAC - Português como língua de acolhimento

PLE - Português Como Língua Estrangeira

RU - Restaurante Universitário

UNILAB - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	A LÍNGUA: UMA BREVE INTRODUÇÃO	14
2.1	EDUCAÇÃO	16
3	COLONIZAÇÃO E OS EFEITOS NA EDUCAÇÃO	20
4	UNILAB E COOPERAÇÃO SUL-SUL	23
5	METODOLOGIA E APRESENTAÇÃO DOS DADOS	25
6	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	27
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
	REFERÊNCIAS	39

1 INTRODUÇÃO

O trabalho de pesquisa terá como base as narrativas das vivências e relatos de estudantes guineenses residentes em São Francisco do Conde. Eles (as) são discentes da universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e, a partir disso, temos como base as experiências e os estranhamentos com o português do Brasil.

Muitos estudantes chegam ao Brasil através da parceria com os países que integram a CPLP, cujo um dos objetivos é facilitar o deslocamento desses estudantes ao nosso país a fim de realizar cursos de nível superior.

Entretanto, levando para um contexto linguístico, é indispensável pensar-se nos possíveis estranhamentos relacionados à obrigatoriedade do uso da língua do colonizador, sobretudo, no processo de escolarização e sua influência no desenvolvimento e estadia desses indivíduos em um país estranho. Sabe-se que, na Guiné-Bissau, o índice de falantes de português é muito menor, ou seja, o percentual daqueles que utilizam suas línguas maternas para se socializarem diante a sua comunidade de fala ultrapassa o uso real da língua portuguesa.

O processo colonial deixou marcas incalculáveis, entre elas o direito dos povos africanos de narrar suas próprias histórias, de forma que até os tempos atuais ainda é marcante a predominância de atitudes colonialistas que visam excluir esses indivíduos e delimitar a quais espaços podem ou não alcançar, sobretudo na educação.

Dessa maneira, constatamos a importância de vozear a aqueles cujo direito de contar suas próprias narrativas foram silenciadas. Para isso, apoiaremos nos relatos dos estudantes guineenses, com o objetivo de abordar suas respectivas impressões em relação ao contato com o português falado no Brasil e o Português falado na Guiné, bem como suas estadias na cidade de São Francisco do Conde - BA na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Tem-se, assim, o objetivo abordar os modos pelos quais eles experimentam o uso da língua suas percepções e respectivas práticas de Letramento, dentro e fora do âmbito acadêmico.

Busca-se desta forma, extrair os relatos de experiências destas vozes, que estão na diáspora, porém, desta vez a partir da resignificação da língua por meio da educação. Para isso, debruçaremos sobre as interpretações-chaves e as formulações de Paulo Freire (1977), Marcos Bagno (2002, 2015 e 2016), Luiz Carlos Cagliari (1993), Marilena Chauí (200), no que tange aos conceitos de letramento e percepção, utilizando-se das referências e

metodologias de autores e autoras renomados. Dessa forma, dispomos dos relatos dos discentes que contribuíram na construção do corpus do trabalho.

Outro ponto importante é que apresentamos um diálogo na perspectiva sul-sul, que é a cooperação que integram os países da África, Ásia e América Latina, além dos pequenos países do Caribe e da Oceania. Para, além disso, a Cooperação Sul-Sul se refere também à cooperação técnica entre países em desenvolvimento no Sul Global. Sendo assim uma estratégia que visa colaborar com o desempenho dos Estados, organizações internacionais, acadêmicos, sociedade civil e setor privado, compartilhando conhecimentos e habilidades em diversas áreas, entre elas, a dos direitos humanos. A partir de informações retiradas do site da Organização das Nações Unidas (ONU), sobre a cooperação Sul- Sul pode-se dizer:

A Cooperação Sul-Sul se refere à cooperação técnica entre países em desenvolvimento no Sul Global. É uma ferramenta usada por Estados, organizações internacionais, acadêmicos, sociedade civil e setor privado para colaborar e compartilhar conhecimento, habilidades e iniciativas de sucesso em áreas específicas, como desenvolvimento agrícola, direitos humanos, urbanização, saúde, mudança climática etc. (ONU, 2019).

No Brasil o diálogo sul-sul se deu de diversas maneiras, e a mais concreta foi com a criação da lei Nº 12.289, DE 20 DE JULHO DE 2010, seguido da construção da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB, que tem como intuito contribuir com a integração entre o Brasil e os demais países membros da (CPLP).

Empenhada, portanto, para a cooperação internacional a cidadania e a democracia nas sociedades, a UNILAB baseia-se suas ações no intercâmbio acadêmico e diáspora com alguns países como: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste.

Essa cooperação do Brasil com a África, a partir, da UNILAB e da educação ressignifica a diáspora e o futuro, criando-se possibilidades anti-coloniais e anti-racista e ferramentas para se pensar e gerir novas práticas educacionais. Com a interação e integração de diferentes pessoas de diferentes culturas-étnicas e diferentes países da África e de Estados da federação Brasileira surgem várias incógnitas e perguntas devida ao choque cultural e, sobretudo, linguístico, devido aos africanos terem, no seio das suas sociedades, uma multiplicidade de línguas maternas.

Portanto, o trabalho tem como enfoque principal analisar, a partir, dos relatos dos guineenses o estranhamento com a língua Portuguesa falada em Bissau e o Português falado

em território Brasileiro, suas experiências e seus encontros cotidianos levando em consideração suas vivências (sobretudo em relação às primeiras impressões desta língua, isto é, palavras e significações diversas, possíveis conflitos e constrangimentos relacionadas a essas palavras), na vida acadêmica na Unilab e na cidade de São Francisco do Conde.

Para melhor compreensão, sintetiza-se a seguinte problemática: Quais as possíveis impressões e percepções os estudantes advindo da Guiné-Bissau vivenciaram, no que se refere ao Português falado no em seu País, com a língua Portuguesa falada no Brasil levando em conta a proximidade da cultura e da língua brasileira com os demais países Africanos?

A partir dessa pergunta problema, esta pesquisa está dividida em 5 capítulos, que serão descritos a seguir.

No primeiro capítulo, trataremos sobre os conceitos de Língua Materna, (LM ou L1), assim como os problemas que estão relacionados à língua e a educação, baseados no contexto linguístico de Guiné Bissau.

O segundo capítulo será dedicado às problemáticas que envolvem a educação, colonização e seus possíveis efeitos, bem como o resultado desse contexto no ensino e aprendizagem do idioma.

Terceiro capítulo, falaremos sobre a UNILAB e a Cooperação Sul-Sul. Este capítulo constitui se fundamental, para entendermos o projeto da Universidade da Integração, assim como o ingresso desses estudantes a cidade de São Francisco do Conde.

Em relação ao quarto capítulo, descreveremos as metodologias utilizadas nesta pesquisa e os percursos que fizemos para refletir a problemática proposta acima.

No quinto capítulo, serão analisadas as narrativas, dos estudantes Guineenses, residentes na cidade de São Francisco do Conde-Ba, e suas experiências como o Português Brasileiro e o Português Guineense. Sobretudo neste capítulo, pretende-se observar as diferentes palavras e seus significados, assim como os estranhamentos relacionados à ideia que se tem da Língua Portuguesa em território Brasileiro.

Nas considerações finais, procuraremos definir, a partir dos argumentos e dados analisados, os resultados obtidos durante esta pesquisa.

Diante do exposto, procuramos observar e compreender a relação do estranhamento dos sujeitos ante a outra realidade linguística. Tudo isso tem como meta dialogar e estabelecer pautas em relação ao letramento e o processo de ensino e aprendizagem de línguas.

2 A LÍNGUA: UMA BREVE INTRODUÇÃO

Para que entendamos a proposta deste estudo, iniciaremos esse capítulo com a discussão sobre a Língua e Educação, no contexto de como estas contribuem ou não para a aquisição do Português como língua oficial em Guiné-Bissau.

O colonialismo na África e nas Américas ocorreu de forma tão perverso que no seu projeto civilizatório, proibiu e coibiu que africanos pudessem falar e utilizar suas línguas maternas nos espaços públicos e sociais, sendo introduzida a eles a língua dos colonizadores como língua oficial. Para Diallo (2007) “há cerca de 20 línguas faladas na Guiné-Bissau, das quais as mais importantes, do ponto de vista numérico, são: Kriol [crioulo], balanta, fula, português, mandinga, manjaku e papel”. E mesmo em uma sociedade com tantos idiomas vivos que circulam em meio a comunidade é possível perceber que as línguas maternas ainda são desvalorizadas nos espaços ditos oficiais e na escolarização. Segundo Almeida filho:

Uma língua 1 (L1) serve para comunicação ampla desde a casa, passando pela rua até a escola e os meios culturais. É a língua em que se constitui a identidade pessoal, regional, étnica e cultural de uma pessoa. Toda L1 se manifesta por meio de um dialeto (uma variante regional, muitas vezes combinada com traços étnicos e de classe social) (ALMEIDA FILHO, 2004, p.8).

De fato o contexto linguístico de Bissau permite que essas línguas circulem e sejam facilmente inseridas nas comunidades, de forma que seus falantes cheguem a possuir uma ou mais línguas maternas. A língua nas formulações Saussure (2006) “É uma unidade dupla constituída por fala e pensamento, sendo por tanto viva e sujeita a mudanças”. Assim a língua materna aprendida no seio familiar possui um papel fundamental na construção e formação do indivíduo, essa língua torna-se a língua de maior dominação do falante, favorecendo desta forma para o processo de interação entre suas respectivas comunidade de fala. A utilização da língua berço constitui um papel fundamental para a aquisição da língua estrangeira.

Entretanto, mesmo com tamanha diversidade, a história linguística dos países lusófonos que compõem o continente africano é marcada por uma trajetória de lutas e resistência para manter vivas as línguas nativas aprendidas e internalizadas antes da colonização. Segundo afirma o escritor Marcos Bagno (2007, p.36) embasado nas concepções heterogênicas da Sociolinguística, define a língua como “uma atividade social, um trabalho coletivo, empreendido por todos os seus falantes, cada vez que eles se põem a interagir por meio da fala ou da escrita” (BAGNO, 2007, p. 36). Ao fazer essa afirmação Bagno revela a

capacidade linguística dos seus falantes que atuam como próprios sujeitos na circulação e transformação dos idiomas por eles falados.

A língua não se constrói sozinha, tampouco se mantém viva. As raízes biológicas representam os valores culturais e costumes da fala de um povo. A língua é uma arma política e é através dela que se determina até onde se pode chegar. Para Lev Vygotsky (1998, p.61) “a história do desenvolvimento das funções psicológicas superiores seria impossível sem um estudo de sua pré-história, de suas raízes biológicas”. Dialogando com a reflexão acima, é possível observar a grande carga de responsabilidade atribuída a seus falantes, em seu maior trabalho que é manter um idioma vivo. A transmissão dessas línguas acaba por se fazer por via informal, através da ajuda dos mais velhos que atuam como verdadeiros educadores nos meios os quais estão inseridos.

Quando se trata de educação, o sistema linguístico mais uma vez acaba por se constituir um instrumento de determinar valores, ou seja, as formas padronizadas ganham espaço enquanto tudo que foge a “regra” é facilmente desvalorizada. No caso de Guiné-Bissau, a língua materna de um falante não é a mesma língua ensinada nas escolas o que por vez acaba por gerar conflitos identitários nos indivíduos em formação.

Pensando em contexto como Guiné-Bissau, isso nos mostra a validade de se pensar em um ensino cuja valorização das línguas nativas ganhe espaço no cotidiano escolar, uma vez que o português atua neste caso como um idioma minoritário em relação ao seu uso. Que por vez se resume aos espaços formais e instituições de ensino. Noutras palavras, se faz necessário formar professores conscientes quanto ao seu papel de manter vivo o saber já encontrado em cada indivíduo, bem como se pensar em instituições educacionais que permitam que os professores trabalhem com as línguas maternas como instrumentos metodológicos para a formação. E, por fim lutar, por um governo que desenvolvam políticas públicas que visem leis de valorização das línguas nativas dando-lhes o prestígio que elas merecem.

Gagné (2002) em seu livro “Língua Materna, Letramento Variação e Ensino”, evidência como as escolas lidam com os saberes aprendidos nos seios das comunidades, chamando-nos atenção para a necessidade de valorização dos saberes linguísticos ao dizer:

A escola habitualmente considera que a língua falada não somente pela criança, mas também pela sociedade circundante que lhe serviu de modelo linguístico natural, é inaceitável e deveria ser rejeitada. Ela empreende então um esforço de desenraizamento que só pode ter êxito (imperfeito, aliás) junto a uma minoria de crianças. Tal tentativa corre o risco de conduzir ou à alienação social do indivíduo,

ou a rejeição maior ou menor e mais ou menos explícita da escola por parte das crianças e particularmente dos adolescentes (GAGNÉ, 2002, p.21).

A língua materna possui um papel fundamental na construção e formação do falante, isso por que essa língua é a sua língua de maior dominação, que por vez, acaba favorecendo a interação e comunicação entre outros falantes da sua comunidade de fala. É preciso ver a língua e seu ensino como atividades ligadas as práticas sociais desses indivíduos, para que haja uma significação do que é aprendido nas escolas. Segundo as formulações de ANTUNES (2007, p.116) “Uma educação que admite que os manuais de gramática não são o único respaldo para nossas decisões linguísticas teria seus efeitos imediatos na práticas pedagógica”.

2.1 EDUCAÇÃO

No que se refere à em educação, pode-se dizer que essa imposição da língua afetou toda a estrutura educacional do País. Os alunos no processo de alfabetização não se identificam com os programas pedagógicos das escolas. O uso do Português como obrigatório acaba-se por se constituir o berço de toda uma história de precariedade relacionada ao ensino no País. Além disso, tais dificuldades também estão relacionadas à formação dos docentes, uma vez que há dificuldade em encontrar profissionais devidamente habilitados, isto é, que possuam o chamado “domínio” da língua portuguesa. De acordo como relato da professora:

Quando comecei como professora da educação infantil, em Bissau pude perceber a importância da língua crioula na educação básica e como essa língua é importante no processo de ensino-aprendizagem. As crianças tinham muitas dificuldades quando seus processos de alfabetização se davam em português e, muitas vezes, era necessário que eu explicasse em crioulo para uma boa compreensão por parte dos alunos. Isso, porque, de certa forma, para esses alunos, a língua portuguesa é equivalente a uma “língua estrangeira” (LE), mesmo sendo a língua oficial (LO). A realidade desses alunos não se distancia da minha, pois a minha experiência como aluna, de escutar o professor ou diretor dizer que não se pode falar em crioulo, mas somente em português no recinto escolar, me levou a perceber as minhas limitações enquanto falante do português. Meus pais sempre me orientaram para ser responsável nos estudos. Quando tirei notas negativas ou vermelhas, cheguei em casa triste. Aquilo foi me levando a estudar mais e cheguei ao ensino médio, depois de superar muitos obstáculos, principalmente em relação à imposição do português. (CÁ, 2015, p.19).

Dialogando com o relato acima no qual se evidencia como as línguas étnicas têm forte influência nas vidas dos estudantes, percebemos como o processo de alfabetização, que visa excluir a língua de afetividade, dificulta a assimilação e entendimento da língua alfabetizadora, neste caso o Português. Entretanto, é importante saber que não se discute aqui

a exclusão ou adesão da língua portuguesa como língua oficial, pois acreditamos que mesmo que se fosse imposto o uso do crioulo guineense (que possui traços do Português) ou de qualquer outro idioma falado na Guiné, como língua oficial, esta escolha continuaria sendo “injusta” por essa ser apenas mais um dos vários idiomas presentes em Bissau.

Questionamos aqui a exclusão das línguas nativas no processo de alfabetizar, uma vez que este se constitui como um período fundamental na formação dos pequenos discentes. A sala de aula deve ser um espaço cujos valores culturais e particularidades dos alunos sejam respeitados; um espaço no qual a aquisição das novas palavras desenvolvam-se de forma prazerosa. No caso deste País abordado, o processo alfabetização contribui para a exclusão das demais línguas de afeto dos estudantes, para que seja inserida a língua portuguesa, que conseqüentemente traz junto ao idioma os aspectos culturais desse País, causando nos indivíduos em formação uma falsa ideia de que a cultura ou o falar europeu é melhor do que as línguas étnicas.

A utilização da língua berço constitui-se fundamental para a aquisição da língua estrangeira e entre as possíveis conseqüências da proibição do uso do crioulo e línguas étnicas. O mais difícil está na adaptação do uso do Português em locais formais e instituições de ensino, em uma sociedade contemplada com várias línguas maternas vivas e presentes no cotidiano.

Almeida filho em seu livro “Ensino como Língua não materna”, traz uma reflexão bastante relevante sobre os benefícios e problemas que uma língua pode causar no processo de escolarização. Segundo ele, mesmo que uma criança possua habilidades comunicativas para internalizar e aprender outro idioma na sua formação, alguns fatores podem ser considerados uma ancora e até mesmo comprometer o seu futuro (social, político e econômico) a seguir alguns deles:

1. baixa escolaridade da população (acesso precário ou lacunoso à escola, desistência precoce)
2. heterogeneidade da escolarização (com exclusões de camadas por categoria econômica, de gênero ou de seto3 res geográficos)
3. fragilidade do sistema educativo (ensino fraco, alta rotatividade de alunos e professores, evasão, fracos resultados, repetência) (FILHO,1986, p.5).

Por isso, a assimilação desta acaba por delimitar espaços. E quem domina bem esta língua herdada pelos povos europeus, ganham certas “vantagens” em relação aos outros, isso pelo fato de que, apesar do baixo índice de falantes do português, este continua sendo o idioma usado nas repartições públicas, em documentos oficiais, imprensas e na escolarização.

Os outros países não estão excluídos destas questões, pois no caso do Brasil os problemas sociais também visam à exclusão dos que não possuem o domínio linguístico considerado padrão.

A baixa qualidade do sistema educativo do país é também justificada muitas das vezes, por fatores que envolvem a falta de investimento do estado na educação, conseqüentemente, afeta o corpo docente e estudantil, uma vez que estes acabam não recebendo o apoio necessário e materiais didáticos necessários para direcionarem os professores em relação aos recursos pedagógicos.

A qualificação dos professores, como já mencionado acima, também acarreta dúvidas acerca do ensino, uma vez que muitos deles não possuem o tão cobrado domínio desta língua. Entretanto, sabemos e reconhecemos a capacidades e empenho destes profissionais em tentarem aplicar os conteúdos linguísticos ao corpo estudantil. A grande problemática na verdade está no fato de que o ensino do português para falantes multilíngues apresenta características diferenciadas em relação ao ensino desta mesma língua (o português) para pessoas que nasceram e cresceram tendo esse idioma como única língua de representatividade. Segundo Sírio Possenti (1996, p. 16) no livro “Porque (não) ensinar gramática na escola”, há a explanação sobre “alguns dos problemas que levam ao fracasso escolar em relação ao ensino da gramática têm a ver com a forma como se concebem a função e as estratégias do ensino de língua”. Ao escrever isso, Possenti descreve a importância do papel do estado de garantir um ensino de gramática que vise valorizar e respeitar o corpo estudantil, assim como dos professores, para que estes enxerguem o ensino de uma nova língua de forma estratégica. Em outras palavras, um governo e redes de ensino comprometidas com área educacional.

Ensinar Língua Portuguesa em Guiné Bissau acaba por vez equivalendo ao ensino de Português como uma Língua estrangeira (PLE), levando em valimento as especificidades que englobam esse idioma e a cultura que nela está inserida e difere por vez da cultura e estruturas linguísticas de Guiné Bissau. Compreender o uso de uma língua significa valorizar as competências comunicativas de seus falantes, entendendo que cada língua possuem características próprias, e estas devem ser trabalhadas com uma finalidade específica. O ensino de português como LM (língua materna), apresenta idiosincrasias, por exemplo, quando comparado ao contexto linguístico de Bissau, com suas multiplicidades de línguas nativas, necessitaria de outros métodos e abordagens de ensino.

Desta forma é fundamental que as instituições de ensino preparatórios busquem nos seus currículos acadêmicos metodologias que diferenciem cada forma de ensinar. Além disso, visem também adaptar os seus materiais para que o ensino seja ele para falantes multilíngues como para quem apresenta um único idioma atinja um grau relevante de proficiência.

3 COLONIZAÇÃO E OS EFEITOS NA EDUCAÇÃO

A Guiné Bissau, após o período colonial, e ingresso do período de independência, continua a lutar na tentativa de apagar as marcas deixadas pelo processo de colonização europeia, visando uma educação que seja digna e acessível entre os povos, que valorize as memórias e culturas existentes. Por isso é necessário reconhecer o empenho do País para romper a forte pressão do sistema colonial que tentava a todo custo apagar as línguas nativas e sua cultura.

É válido lembrar que o saber educativo de Bissau, sempre esteve presente, mesmo antes do período colonial, no qual se utilizavam das culturas e tradições da sociedade guineense, sobretudo, com a ajuda dos mais velhos, conhecidos como anciões e indivíduos a qual atribuem uma grande parcela de conhecimento. Esse reconhecimento dos saberes tem favorecido para que as línguas faladas nestas regiões permanecessem vivas até hoje, isto é, mesmo com a imposição da língua portuguesa como oficial.

A obrigatoriedade do uso português em um País cujo percentual de falantes desta língua imposta durante séculos equivale a 13%. Acaba por ser a gênese de alguns conflitos, principalmente na educação. Entre os possíveis efeitos que essa dominação e imposição da língua causou e vem a causar até hoje, está a dificuldade na aprendizagem da língua Portuguesa. Esse processo de aprendizagem desvaloriza e exclui os saberes linguísticos trazidos pelos alunos. Segundo COUTO (2010), até mesmo os livros didáticos são importando de um País estranho, cuja escrita mais uma vez visa beneficiar a cultura e falar europeu ao dizer:

Os livros didáticos saem, naturalmente, todos em português e, frequentemente, são importados de Portugal. As publicações do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa) são todas em língua portuguesa, quase todas igualmente impressas em Portugal, embora umas poucas saiam também em francês (os da Ku Si Mon Editora). A revista Soronda trata de temas basicamente sociológicos. (COUTO, 2010, p.48).

A resistência dos povos guineenses em optar pelo falar das línguas nativas, talvez seja a melhor e mais audaciosa resposta dada aos antigos e “novos” colonos. Falamos novos por que acreditamos que mesmo com o suposto “fim” deste período colonial, a estratégia de inferiorizar os povos africanos continua presentes mesmo “pós” independência, atuando disfarçadamente de uma falsa ideia de aceitação e tolerância ao nosso povo. Sobretudo na educação é possível perceber a estratégia do sistema colonial que buscava através do sistema

educativo formas para implantar uma cultura estranha no País. A ideia imposta aos colonizados. Segundo Paulo Freire em uma de suas argumentações é:

A escola colonial, a primária, a liceal, a técnica, esta separada da anterior, antidemocrática nos seus objetivos, no seu conteúdo, nos seus métodos, divorciada da realidade do país, era, por isso mesmo, uma escola de poucos, para poucos e contra as grandes maiorias. Seleccionava até mesmo a pequena minoria dos que a ela tinham acesso, expulsando grande parte deles após os primeiros encontros com ela e, continuando a sua filtragem seletiva, ia aumentando o número dos renegados. Renegados em quem enfatizava o sentimento de inferioridade, de incapacidade, em face de seu "fracasso" .(FREIRE,1978,p.15)

Dialogando com a citação acima é possível perceber a objetividade do sistema colonial português de apagar a cultura existente em Guiné para implantar a cultura europeia através do sistema educativo. Além disso, o sistema colonial, atribuído de tamanha ideia de soberania, depositava entre os povos nativos o sentimento de seres incapazes de produzir opiniões, pensamentos, tais como que os autóctones eram povos selvagem e necessitavam passar pela boa e velha doutrinação branca.

Desta maneira, a estratégia de criar diversas normas baseadas nesses padrões, objetivava persuadir os nativos a esquecer das culturais locais, na tentativa de se tornarem parte desses grupos. Mesmo que as fossem quase impossíveis à inserção destes dentro de tal sistema. Frantz Fanon em uma de suas obras, define de forma poética os efeitos da colonização, ao dizer:

Os primeiros dispunham do Verbo, os outros pediam-no emprestado. Entre aqueles a estes, régulos vendidos, feudatários e uma falsa burguesia pré-fabricada serviam de intermediários. Às colônias a verdade: se mostrava nua; as "metrópoles" queriam-na vestida; era preciso que o indígena as amasse. Como às mães, por assim dizer. A elite europeia tentou engendrar um indigenato de elite; seleccionava adolescentes, gravava-lhes na testa, com ferro em brasa, os princípios da cultura ocidental, meti-lhes na boca mordças sonoras, expressões bombásticas e pastosas que grudavam nos dentes; depois de breve estada na metrópole, recambiava-os, adulterados. (FANON, 1968, p.3)

Assim, durante a época colonial, a língua, era utilizada como forma de domínio e poder colonial, criando uma ideia de que a colonização e o imperialismo eram uma coisa positiva ou algo a se alcançar, incentivando os povos, sobretudo os jovens a reproduzem e utilizam símbolos coloniais e, assim, conseqüentemente, eram inseridos nas redes de ensino através da língua.

A ideia de prestígio da língua Portuguesa ainda nos dias de hoje acaba sendo bastante excludente, mesmo em um País como a Guiné-Bissau, uma vez que falar essa língua permite

alcançar melhores oportunidades de emprego melhor, aproveitamento nos estudos e até a possibilidade de estudar em outro país, como é o caso de alguns dos alunos que vem para o Brasil.

Mesmo com essa estratégia a grande Guiné-Bissau busca incessantemente, pela melhoria dos seus povos, sejam nas áreas da política, religião ou educação. O resgate cultural nesse País se faz presente através da valorização das línguas locais que são utilizadas constantemente entre as diversas famílias que compõe o País.

O português mesmo sendo a língua oficial não sobrepõe às línguas étnicas, no dia a dia dos Guineenses. A língua portuguesa falada em Guiné possuem traços que se diferenciam do português falado em Portugal, isto por que, assim como o português falado no Brasil, o Português falado na Guiné possuem traços próprios do País que equivalem desta forma a uma variação do português devido à região.

A inserção ou integração desses alunos ao País da língua dos colonizadores pode causar um desconforto inicial (mesmo que em contexto diferenciado), visto que a pressão sofrida nos tempos coloniais ainda deixam marcas, sobretudo no que nos referimos ao processo de “desafricanizar” e “embranquecer” a cultura. Sendo assim, a travessia desses estudantes assume uma nova ideologia, que é resignificar a diáspora através do sistema educacional. O português agora passa a ser usado como língua de acolhimento¹ para facilitar a comunicação.

¹ Língua de acolhimento, designação relacionada com o programa Portugal Acolhe. Este, criado pelo Estado português, desenvolveu, a partir de 2001, cursos de português dirigidos exclusivamente a imigrantes adultos. (CABETE, 2010, p. 9 e 196).

4 UNILAB E COOPERAÇÃO SUL-SUL

Neste capítulo, trataremos das questões que envolvem a UNILAB e a Cooperação Sul-Sul. Este capítulo constitui-se fundamental para entendermos o projeto da Universidade da Integração, assim como também sobre ingresso desses estudantes a cidade de São Francisco do Conde.

No Brasil o diálogo sul-sul se deu de diferentes formas, e entre elas estar à criação da lei Nº 12.289, DE 20 DE JULHO DE 2010, seguido da construção da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB, no qual a iniciativa foi conquistada no governo do ex-presidente, Luiz Inácio Lula da Silva, com missão institucional específica de organizar recursos humanos no visando contribuir com a integração entre os países membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) e o Brasil.

A universidade caracteriza-se pelo intercâmbio acadêmico com os Países de comunidades de língua portuguesa, membros da CPLP, especialmente os das comunidades africanas, nos quais recebem tanto discentes que buscam a qualificação superior, quanto profissionais da educação para atuar nas áreas de ensino.

A UNILAB é caracterizada pelas suas ações em prover a interação internacional e o intercâmbio acadêmico com países membros da CPLP, especialmente os países africanos pela composição do corpo docente e discente proveniente do Brasil e de outros países, bem como pelo estabelecimento e execução de convênios temporários ou permanentes com outras instituições da CPLP. Assim, compromissada com a cidadania e a democracia nas sociedades e promovendo o intercâmbio acadêmico e diásporico com Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste.

Além da sua sede localizada no Ceará, a Unilab conta ainda com uma atuação na cidade de São Francisco do Conde, intitulada como Campus do Malês, a universidade recebeu esse nome em homenagem a revolta do Malês que ocorreu na Bahia, em 1835.

A cidade de São Francisco do conde recebe todo semestre aluno vindo dos Países de comunidades de língua Portuguesa, os quais além de sediar esses estudantes compartilham culturas e trocas de experiências, sobretudo em relação à língua.

A UNILAB dispõe de meios e programas próprios de incentivo a inserção desses estudantes. Entretanto existem outros meios que viabiliza o acesso desses jovens no meio acadêmico, a exemplo o programa PEC-G.

Segundo o histórico do programa, desde os anos 2000, houve mais de 9.000 selecionados. A África é o continente de origem da maior parte desses estudantes, com 76% dos selecionados. Entre as nações africanas participantes, destacam-se Cabo Verde, Guiné-Bissau e Angola.

A travessia desses estudantes ao Brasil apresenta agora uma nova perspectiva, dissociada, portanto, neste contexto ao período colonial e ressignificando assim a diáspora. O português falado no Brasil passa a se tornar uma língua de acolhimento, uma vez que esses indivíduos se apropriam dela, através das sensações e estímulos, aqui chamaremos de percepções, adquiridos durante a estadia no País. De acordo com os pensamentos expressos por Marilena Chauí (1994, p. 154), no que refere ao conceito de Percepção, esta “é sempre uma experiência dotada de significação, isto é, o percebido é dotado de sentido e tem sentido em nossa história de vida, fazendo parte do nosso mundo e de nossas vivências”. Assim é possível analisar que apesar dos possíveis traumas causados no período colonial, o sentido atribuído à língua ganha um novo espaço e através dessa percepção que o indivíduo organiza, interpreta, e ressignifica as suas impressões sensoriais para atribuir significado ao seu meio. Como pode ser visto no relato abaixo:

Quando eu cheguei aqui, a primeira experiência que eu tive no hotel em que hospedei era na comunicação com os funcionários pois, eles não compreendiam o meu idioma e nem eu o deles, quando falava uma palavra eles entendiam de outra forma, depois de algumas semanas comecei a enquadrar para facilitar a comunicação com eles. (DISCENTE A, 2019).

A partir dessa experiência compartilhada, podemos ver como os indivíduos são fortemente capazes de através da língua, construir pontes que favoreçam para que o processo de comunicação aconteça. Mesmo que não se tenha o considerado “domínio”, o falante, isto é, o receptor e o locutor da mensagem buscaram meios para que a informação fosse transferida através do campo perceptivo e das práticas de Letramento.

5 METODOLOGIA E APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Essa pesquisa adotará o método qualitativo, onde coletarei dados de alunos de Guiné-Bissau, residente atualmente no Brasil, na cidade de São Francisco do Conde na condição de estudante na UNILAB dos cursos de Bacharelado em Humanidades, Letras e Pedagogia. A escolha desse método justifica-se pelo fato de esta ser uma forma compatível para compreender e analisar fenômenos sociais, estudando assim suas particularidades e experiências. O método qualitativo valoriza a comunicação do pesquisador com o campo de pesquisa, e seus membros como parte explícita da produção de conhecimento. Assim, as reflexões dos pesquisadores sobre suas ações e observações no campo, seus sentimentos e impressões tornam-se dados em si mesmos, o que vai constituir parte da interpretação.

As biografias extraídas das observações de entrevistas e estudo de caso atuarão de forma benéfica entre o pesquisador e a realidade do conferenciado. O cenário escolhido para coletas de dados realizou-se na Universidade da Integração Internacional Lusofonia Afro-Brasileira, tendo como entrevistados dez discentes advindos de Guiné-Bissau e residentes em São Francisco do Conde-Ba, dos cursos de Bacharelado em Humanidades, Letras e Pedagogia.

Para colher os dados necessários para contestar os dilemas desta pesquisa foram empregue três etapas: observação/busca, entrevistas através questionários abertos e coleta dos dados. Na etapa de observação teve por objetivo analisar os possíveis entrevistados, isto é, foram selecionados voluntários que colaboraram com o fornecimento de dados. Em seguida retornei a esses indivíduos que se comprometeram com a pesquisa e distribuir questionários contendo as cinco perguntas a serem respondidas. Após recolhimento dos questionários, as informações investigadas foram devidamente analisadas.

Na elaboração das perguntas referentes às experiências que envolvem a língua portuguesa e a língua falada em Guiné, damos enfoque nos possíveis conflitos envolvendo variação linguística² de algumas palavras do português falado no Brasil e o português falado no País dos entrevistados.

² A variação linguística é nada mais que a manifestação evidente da essência e da natureza da linguagem, reconhecendo que há um padrão valorizado, sim, mas que o uso do padrão prestigiado não constitui, em si, e intrinsecamente, um uso de boa linguagem, e que essa avaliação só ocorre pelo viés sociocultural, condicionado pelo viés socioeconômico. (p. 35).

No intuito de adequar-se as disponibilidades de horários dos entrevistados e em dinamizar a pesquisa, foram permitidos que os entrevistados respondessem as perguntas da forma que melhor fosse possível, entretanto, as perguntas lançadas aos entrevistados fora em sua maioria respondidas de forma escrita a próprio punho ou digitalizada.

Após a coleta, foram digitadas, analisadas e transcritas todas as respostas coletadas na pesquisa, afim de que está contribua com o progresso do tema abordado.

Serão utilizadas entrevistas semi estruturadas para analisar os aspectos negativos ou positivos que envolvem o uso desta língua em Guiné-Bissau, e as estratégias de adaptação a essas variantes na perspectiva do letramento com referência na língua portuguesa. Essas técnicas partirão dos pressupostos de vivências desses estudantes, mencionado acima. Além disso, será feito o uso também de pesquisas bibliográficas, na qual destacaremos as relevâncias dos autores comprometidos com a educação básica, língua e descolonização do saber.

Entrevistas são fundamentais quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados. Nesse caso, se forem bem realizadas, elas permitirão ao pesquisador fazer uma espécie de mergulho em profundidade, coletando indícios dos modos como cada um daqueles sujeitos percebe e significa sua realidade e levantando informações consistentes que lhe permitam descrever e compreender a lógica que preside as relações que se estabelecem no interior daquele grupo, o que, em geral, é mais difícil obter com outros instrumentos de coleta de dados. (DUARTE, 2004, p.215)

Ressaltamos a importância da utilização da entrevista como método fundamental para mantimento da originalidade da pesquisa, visto que a impossibilidade de descolamento para o país de Guiné-Bissau. Uma vez que a pesquisa contará com apoio ex- discente guineense, que vivenciaram essas práticas abusivas de serem alfabetizados em uma língua desconhecida. A entrevista semi-estruturada permite ao entrevistado se posicionar diante das problemáticas apresentada pelo entrevistador. Esse tipo de técnicas dar liberdade para que o indivíduo demonstre suas inquietações colaborando com críticas, sugestões e soluções para agregar valores a pesquisa.

6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Nesse capítulo, serão analisadas as narrativas dos estudantes Guineenses, residentes na cidade de São Francisco do Conde-Ba, bem como suas experiências com o Português Brasileiro (doravante PB). Diante disso, pretende-se observar as diferentes palavras e seus significados, assim como os estranhamentos relacionados à ideia que se tem da Língua Portuguesa em território Brasileiro.

Para observarmos a relação do estudante guineense com as variações do PB, fizemos a análise de dados qualitativos das questões aplicadas através de entrevistas. Realizamos questionários — distribuídos entre os guineenses, estudantes dos cursos de Letras, BIH e Pedagogia — que serviram como componente fundamental para se entender o presente estudo.

As questões apresentadas aos entrevistados foram compostas por cinco perguntas abertas e tiveram por objetivo fazer com que os entrevistados relatassem os possíveis conflitos envolvendo a língua portuguesa brasileira e a língua portuguesa guineense.

Os entrevistados tiveram liberdade para responder o questionário da forma que melhor lhe fossem possível. Em outras palavras, foram permitida nessa pesquisa que os sujeitos respondessem aos questionários de forma escrita manualmente ou digitalizada.

Listamos, a seguir, as questões que compuseram o questionário:

1. Qual é sua primeira língua/materna?
2. Onde e como você aprendeu a língua portuguesa?
3. Qual a impressão que você teve quando chegou ao Brasil em relação à língua?
4. Quais palavras do português brasileiro que tem um sentido diferente do português falado em seu país.
5. Você já passou por alguma situação ou constrangimento em relação às palavras do português falado no Brasil e seus significados? Caso sua resposta seja sim, e você se sinta confortável, cite a palavra e descreva a situação e/ ou como ela foi resolvida.

A primeira pergunta teve por objetivo saber qual a língua materna, ou seja, a língua de afetividade dos entrevistados. Na primeira resposta, constata-se que 80,% dos entrevistados

têm como primeira língua o guineense, enquanto 10% falam balanta³ e os outros 10% falam fula. Em relação à aprendizagem da língua portuguesa, os entrevistados revelaram ter aprendido nos seus respectivos países, em ambientes como instituições de ensino, igrejas, novelas e eventos religiosos. Nesses lugares, segundo eles, eram motivadas(os) a falarem a língua portuguesa. Dos 10 entrevistados apenas uma participante, alegou ter aprendido o português em ambiente familiar.

Os entrevistados C e B ao serem perguntados sobre a sensação adquirida sobre a língua Portuguesa revelaram ter a impressão de não saber falar ou se expressar-se neste idioma antes de chegar ao Brasil. Já a entrevistada D, revela em seu discurso possuir certa admiração em relação à língua portuguesa ao afirmar que: “sempre tive uma certa admiração pelo português Brasileiro, quando cheguei aqui achava que o meu português é diferente, depois fazendo Letras, compreendi que era apenas variações” (DISCENTE D, 2019).

Dialogando com a citação acima, vemos como as questões que envolvem a variedade linguística, necessita ser vista como algo cauteloso, uma vez que é através dela que as particularidades do falante, ganham forma e se diferenciam entre si. Para Marcos Bagno:

A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e Sempre existirá, Independente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em “língua portuguesa” está se falando unidade de muitas variedades. [...] A imagem de uma língua única, mais próxima da modalidade escrita da linguagem, subjacente às prescrições normativas da gramática escolar, dos manuais e mesmo dos programas de difusão da mídia sobre “o quê se deve e o que não se deve falar e escrever”, não se sustenta na análise empírica do uso da língua (BAGNO, apud, 1961, p.37).

A partir da visão acima, é possível perceber como a língua é capaz de transformar-se e adapta-se de acordo com as necessidades das comunidades de fala, assim é indispensável o reconhecimento da heterogeneidade linguística, para que se possam atender as necessidades dos falantes, sobretudo no que se refere às minorias. A declaração universal dos direitos linguísticos, no seu artigo 41º assegura a todas as comunidades linguísticas o direito de expressar-se através de suas linguagens, a fim de favorecer e valorizar as culturas ali existentes. Entretanto sabemos que quando se pensa nas minorias, essas demandas linguísticas quase sempre são esquecidas ou estigmatizadas.

³ Balanta como outras línguas são idiomas que compõem a realidade multilíngue de Guiné-Bissau, segundo COUTO & EMBALÓ estima-se que existam cerca de 20 línguas africanas, além do crioulo e do português, são elas: fula 20,4% (245 130 falantes) balanta 30,5% (367 000 falantes) mandinga 12,9% (154 200 falantes) manjaco 14,1% (170 230 falantes) papel 10,4% (125 550 falantes) felupe 1,8% (22 000 falantes) beafada 3,4% (41 420 falantes) bijagó 2,3% (27 575 falantes) mancanha 3,4% (40855 falantes) nalu 0,6% (8 50 falantes) (COUTO e EMBALO, 2010, p. 29).

A entrevistada A, relata ter tido um leve estranhamento ocasionado pela variação do Português, neste caso ela revela ter utilizado as práticas de letramento para se adaptar e resolver as situações envolvendo a língua no seu cotidiano.

No início tudo foi estranhamento, pois a variação era muito presente, entre o meu português com o daqui, pois tinha palavras que não compreendia ao tentar comunicar com um brasileiro, tinha que tentar imaginar o que a pessoa queria dizer para mim, e quando eu falava também eles não compreendiam também, ao passar do tempo comecei a me adaptar com a língua daqui (DISCENTE A, 2019).

O Letramento, segundo Magda Soares (2003, p.6), é entendido com sendo as “práticas sociais de leitura e de escrita mais avançadas e complexas que as práticas de ler e de escrever resultantes da aprendizagem do sistema de escrita”. Assim um indivíduo letrado torna-se totalmente capaz de desenvolver suas habilidades comunicativas entrelaçando as com práticas sociais para de adaptar as variadas situações envolvendo a língua e a linguagem.

A entrevistada E, relatou não ter tido problemas em relação às impressões causadas pelas variações do português, pois já tinha sido alertada quanto a isso pela sua irmã. É curioso observar que na fala da entrevistada há o termo “Brasil de novelas” para se referir ao País.

“Cheguei aqui não pensando que vou encontrar o Brasil de novelas porque já fui ensinada pela minha irmã, então não tive problemas quanto a impressão” (DISCENTE E, 2019).

Assim como a entrevistada E, os entrevistados G, H e J, também citaram as telenovelas e impressas, em seus discursos. Para eles a influencia da mídia foi fundamental para o não estranhamento do PB, entretanto, mesmo assim eles contam terem se sentido constrangido em determinadas situações, seja pelo modo de falar brasileiro, ou pela diferença em seus próprios sotaques:

Não surpreendi muito, porque assistia as telenovelas brasileiras em Guiné-Bissau, conheci alguns sotaques, esse conhecimento de alguns sotaques faz com que eu ficasse um pouco relaxado a respeito de forma de falar dos Baianos, mas mesmo assim, fiquei um pouco “constrangido”, porque quando eu falava na sala meus colegas brasileiros riam do meu sotaque. (DISCENTE H, 2019).

Vejamos agora o relato do entrevistado G e J:

Na verdade, já tinha familiarizado com a língua portuguesa falada no Brasil, devido às telenovelas, reportagens, filmes e series, e ainda ter convivido com falantes

nativos antes de chegar ao nordeste. Mas confesso, que mesmo assim fiquei surpreso com o jeito de falar do baiano. (DISCENTE G, 2019).

Não esperava, passar por tantas dificuldades em relação à língua, pois já me dava contada variedade brasileira, ou seja, a variedade falada pela imprensa brasileira. No entanto, desconheci absolutamente o baianês [...] (DISCENTE J, 2019).

Nos exemplos a cima, os entrevistados dizem ter se surpreendido com o modo de falar Baiano. Aqui, é importante lembramos que mesmo no Brasil, não existe uma uniformidade linguística, isso por que, as áreas que compõem geograficamente o país, apresentam especificidades que variam de acordo a comunidade de fala local. Desse modo, mesmo que os indivíduos tivessem o contato com falantes brasileiros, não resolveria por completo as situações de estranhamento, uma vez que as variações podem acontecer por fatores regionais, sociais entre outros.

Segundo o entrevistado F, sobre a impressão que teve a respeito do PB, considera razoável o seu entendimento em relação às variações do idioma no Brasil ao dizer:

A impressão que eu tenho quando comecei aqui no Brasil em relação à língua, é razoável, porque o português é a nossa língua oficial, e só eu estudei nas escolas dos irmãos portugueses e comecei lá desde pequeno até quando terminei o meu 9º ano e eu fui para escola do estado (DISCENTE F, 2019).

Aqui abrimos espaço para questionarmos acerca da ideia que se atribui às normas padronizadas de escrita e fala que se vem tentando implantar nos indivíduos, que ferem e desrespeitam tudo que fogem às tais regras. De modo que abrimos espaços para que se responda, se assim for possível, o que significa falar bem o português? E quem detém sobre si o poder de determinar tais questões?

A ideia de que somos um país privilegiado, pois do ponto de vista linguístico tudo nos une e nada nos separa, parece-me, contudo, ser apenas mais um dos grandes mitos arraigados em nossa Cultura. Um mito, por sinal, de consequências danosas, pois, na medida em que não se reconhecem os problemas de comunicação entre falantes de diferentes variedades da língua, nada se faz também para resolvê-los (BAGNO, 1961, p.32).

Como vimos na citação acima, a noção da língua, como algo estático e padronizado, nada auxiliam na comunicação entre falantes, mas sim contribuem negativamente para que o preconceito linguístico aconteça. A diversidade linguística não pode jamais ser visto como algo folclorizado. A língua se mantém enraizada ao falante e é através dela que a cultura de um povo ganha forma.

Algumas palavras foram apontadas durante a pesquisa pelos entrevistados, como sendo as que mais se diferenciam devido à variação que conseqüentemente afeta o significado. São elas: bicha/bixa, fila, zona, rapariga, rabada, ligeiro, lento, Mandioca, Rua, Calçada, Baba, bermuda, Caldo, barril, Papai Noel, Rango, ônibus, topic, pimentão, banheiro, geladeira, miuda, xerox, café da manhã e a expressão “quero não”. Foram escolhidas entre estas, algumas palavras para serem observadas, como pode ser visto no quadro abaixo levando em consideração as pronúncias mais utilizadas Brasil especificamente na Bahia:

Palavra	Pronúncia ou significado em Português Brasileiro	Pronúncia ou significado em português Guineense/ou Portugal
Bicha	Bicha (Animal do sexo feminino ou termo pejorativo para se referir a pessoas homoafetivas)	Fileira mais ou menos extensa de pessoas situadas umas atrás das outras
Fila	Fila (fileira mais ou menos extensa de pessoas situadas umas atrás das outras)	Bicha
Zona	Bagunça ou área geográfica	Área geográfica
Rapariga	Meretriz, amante ou prostituta	Moça
Bunda	Bunda/ nádegas	Rabada ou Raba
Ligeiro	Rápido	Lentidão
Bocado	Muito	Pouco
Barril	Barril (gíria baiana)	Tradução não encontrada
Pimentão	Pimentão	Pimenta
Banheiro	Banheiro	Casa de banho
Pimenta	Pimenta	Piripiri
Café da manhã	Café da manhã	Pequeno almoço
Geladeira	Geladeira	Frigorífico
Menina	Menina	Miúda
Xerox	Xerox (maquina usada para fazer reprodução de textos ou imagens)	Fotocopiadora
Ônibus	Ônibus	Autocarro
Camiseta	Camiseta	Camisola

As dificuldades apontadas pelos participantes em relação a esta língua estão relacionadas a fatores que envolvem as questões fonéticas, ou seja, relacionadas ao som das

palavras, assim como também as variedades presente no Brasil. O relato a seguir apresenta o constrangimento sofrido pela estudante guineense, devido às variações do Português ao dizer:

Sim, no caso da palavra bicha, aqui no Brasil a palavra bicha tem um outro significado, diferente da palavra bicha usada na Guiné, quando cheguei aqui e falei a palavra bicha para designar a ou me referir a fila do RU, alguém me chamou atenção para nunca mais usar esse termo na frente dos Brasileiros, Porque se não vão achar que estou sendo preconceituosa com os LGBT, que na verdade não era minha intenção (DISCENTE B, 2019).

Nota-se que o entrevistado B revela ter vivenciado situações de conflito envolvendo a palavra “Bicha” da língua portuguesa. Esse termo apresenta sentido diferenciado nos respectivos países pesquisado. A palavra Bicha, é expresso em Bissau para referi-se a fila, já no contexto brasileiro ela é utilizada como termo pejorativo para ofender pessoas homoafetivas. Como estratégia para a solução desse possível conflito envolvendo esta expressão e sua variação regional de sentidos, nesse contexto, o português atuou como a língua de acolhimento.

A vinda desses estudantes ao Brasil representa uma significativa estratégia, cujo intuito é capacitar-se profissionalmente através por meio da inserção as universidades. Entretanto, adaptar-se a uma nova realidade linguística e cultura acaba por se constituir em algo não muito fácil, neste sentido optamos por adotar o termo “Língua de acolhimento” para referimos a essas situações em que o PB é utilizado não como uma língua veiculação, para fins educacionais, mas sim como língua estratégica para agilizar e facilitar a comunicação, conforme veremos no conceito a seguir sobre língua de acolhimento:

É um conceito que geralmente está ligado ao contexto de acolhimento, expressão que se associa ao contexto migratório, mas que, sendo geralmente um público adulto, aprende o português não como língua veicular de outras disciplinas, mas por diferentes necessidades contextuais, ligadas muitas vezes à resolução de questões de sobrevivência urgentes, em que a língua de acolhimento tem de ser o elo de interação afetivo (bidirecional) como primeira forma de integração (na imersão linguística) para uma plena cidadania democrática. (GROSSO, 2010, p.13)

É válido ressaltar que a definição aqui adotada em relação à vinda desses estudantes, refere-se a um novo contexto, que não os dos tempos coloniais. Desse modo, importa-nos aqui as situações que envolvem a adaptação a essa língua, como forma de interação e sociabilidade.

Vejam agora a fala do entrevistado C, o qual afirma também ter passados por situações conflitantes com o Português Brasileiro.

“Passei sim, foi numa aula de inglês que eu estava ministrando na Escola Clara Visão, acabei usando a expressão ‘Zona’ para sinalizar uma certa área geográfica, isso gerou interpretações inadequadas para os meus alunos” (DISCENTE C, 2019).

Para o entrevistado C, a expressão representa em seu País áreas geográficas, no português Brasileiro esta palavra trata-se de um substantivo feminino, cujo significado também se refere a áreas ou espaço em forma de cintura ou de banda, limitado sobre uma superfície esférica. Entretanto é possível encontrar no Brasil outros tipos de atribuições relacionados ao significado dessa palavra como, por exemplo, “puteiro” ou bagunça.

Já a entrevistada D, ao ser perguntada sobre as palavras que possuem uma significação diferenciada do seu país, apresentou em seu discurso as seguintes expressões no português guineense, Bixa/Bicha, Autocarro, Rabada e Rapariga.

“Sim, quando usava a palavra bixa, os brasileiros ficavam sempre constrangidos e eu ficava sem jeito, o mesmo aconteceu com a palavra rapariga”. (DISCENTE D, 2019).

Com base no depoimento acima, vemos como as questões que envolvem a língua apresentam diferenciações, de região para região, logo podemos dizer que apesar da oficialização do português na Guiné Bissau, assim como também nos demais países PALOP, há particularidades que envolvem cultura de cada povo, que são responsáveis, juntamente com seus falantes, pelos seus significados na fala e na escrita.

Marcos Bagno (2007, p.36) embasado nas concepções heterogênicas da Sociolinguística “define a língua como uma atividade social, um trabalho coletivo, empreendido por todos os seus falantes, cada vez que eles se põem a interagir por meio da fala ou da escrita”. Por isso a interação com o meio é fundamental para a construção e formação de um indivíduo uma vez que proporciona ao falante sociabilidade com a língua e induz para que este acione suas práticas de Letramento (SOARES, 2014).

Ainda sobre as experiências envolvendo a língua a entrevistada F, afirma ter se corrigido para se adaptar ao português brasileiro.

No meu País falamos o português de Portugal, que há algumas palavras que os brasileiros não entendem e também há certas palavras do português brasileiro que não entendemos [...]

Sim, mas eu me corrigir depois que me deparei com essa situação, como quiabo não sei se assim que era chamado aqui, mas quando tenho o conhecimento resolvi a minha situação (DISCENTE F, 2019).

Assim como a entrevistada F, o entrevistado J, também relatou um estranhamento com a palavra “quiabo” do PB, como pode ser visto abaixo:

Sim, como eu disse, ao chegar aqui passei por muitos momentos de constrangimento [...] há palavras da variedade brasileira que não consigo decodificar, por exemplo: eu deixei de comprar muitos produtos, por que não sabia como mencionar o nome... Produto como quiabo (DISCENTE J, 2019).

O relato apresentado por ambos entrevistados, nos mostra situações do cotidiano vivenciados pelos alunos guineense, no que se refere ao uso das palavras do PB. É interessante analisar como o não conhecimento de certas palavras ou expressões pode, por vez limitar, os indivíduos a realizar tarefas básicas do dia a dias, como foi o caso relatado pelo entrevistado J.

O entrevistado E, ao ser perguntado sobre sua experiência aqui no Brasil, especificamente em São Francisco do Conde, alegou não ter vivenciado nenhuma situação conflitante envolvendo a língua.

Para o entrevistado G, a ajuda dos amigos, familiares e até mesmo o convívio prévio com falantes do PB, antes de vim para o Brasil, foi fundamental para se evitar problemas envolvendo a variação do Português, conforme fala em seu relato:

Felizmente ainda não, pois fui avisado de antemão, por isso pude evitar essas palavras até o momento, mas já presenciei colegas meus passando por isso na fila do restaurante universitária da UNILAB, principalmente os calouros. A palavra fila, para a nós é bicha, então no início é complicado. (DISCENTE G, 2019).

Já para o entrevistado H, o que mais lhe deixou surpreso, não foi às palavras em si do PB, mas sim o “sotaque”.

“Acho que não, não lembro se passei por isso, só lembro-me do ‘susto’ que tomei de alguns sotaques, mas palavras em si, não” (DISCENTE H, 2019).

O entrevistado I, conta ter vivenciado uma situação de estranhamento com o PB, na sua chegada a São Francisco do Conde, como pode ser visto no relato:

Sim, quando cheguei aqui estávamos no processo da matrícula necessitava de fazer copia de alguns documentos, então fui para casa de uma senhora em Baixa Fria para fazer a copia, quando cheguei lá disse a senhora, quero fazer a copia desses documentos ela disse quer fazer xérox?

Eu disse não quero fazer a copia, então ficamos naquela confusão de xérox e a copia até que apareceu um rapaz que veio fazer o tal xérox e ele fez a copia do documento do rapaz, naquela instante percebi que xérox e copia são palavras diferente com o mesmo sentido, é bom ressaltar que no português guineense xérox é a máquina fotocopadora (DISCENTE I, 2019).

Ainda sobre o entrevistado I, último da nossa pesquisa, foi possível observar no seu relato de experiência, certo espanto em relação às pronuncias, como pode ser visto abaixo:

Depois da minha chegada tive uma impressão muito estranha relativamente ao modo como as pessoas expressam, além de algumas palavras que as pessoas falam que nem sabia que existisse em português por exemplo barril e retado, também estranhei muito no que se refere as pronúncias, como caso dessas palavras comendo, falando cantando. As pessoas dizem por cá “comenno” em vez de comendo, “cantanno” em vez de cantando, “brincanno” em vez de brincando, vale ressaltar que isso se refere à fala. (DISCENTE I, 2019)

No geral, o que se pode perceber das falas dos entrevistados foi à existência de palavras ou expressões que variam entre a língua portuguesa falada na Guiné-Bissau e esta mesma língua falada pelos Brasileiros. Com exceção de alguns casos as diferenças entre as línguas atuaram quase sempre pelos seus falantes de forma estratégica para se resolver os possíveis problemas de comunicação.

Ainda que os professores tenham formação para ensinar o português como L2, o programa usado para o ensino dessa língua é inapropriada para o contexto guineense, com destaque para a falta de estrutura, de um programa adequado, de materiais didáticos especializados, entre outros. Não é nosso objetivo discutir sobre formação do professor de LP nos países PALOP, mas percebemos que se deve ter um olhar sensível sobre essa questão, conforme já apontou LEMOS (2018), ao falar sobre as dificuldades que envolvem o ensino em países multilíngues e plurilíngues, assim como também sobre a necessidade de se implantar políticas linguísticas que adotem um olhar minucioso a respeito da diversidade linguísticas desses países. Lemos explica ainda sobre a importância de se ter no âmbito escolar professores, e gestores educacionais devidamente preparados para lidar com estes alunos e suas realidades culturais locais ao dizer;

No espaço escola, num contexto de contacto de línguas, depara-se igualmente com um contacto de culturas. As políticas linguísticas determinam muitas vezes o modo como as línguas e as culturas devem ser conduzidas no sistema educativo e o modo como estas devem reflectir na vida do aluno e da sociedade. (LEMOS, 2018, p.6).

Ainda sobre a formação de professores, uma das maiores dificuldades relacionada ao processo de ensino aprendizagem está na inadequação dos materiais didáticos, os quais se distanciam da realidade linguística multilíngues desses países. Para, além disso, a formação docente também se constitui como algo a ser (re) pensado, conforme expressa TIMBANE (2014):

O problema é que durante a formação dos professores não há discussão sobre a variedade moçambicana. Há, no entanto, um preconceito linguístico com relação à variedade moçambicana fato que faz com que haja muitas reprovações devido à norma-padrão europeia que é pouco conhecida pelos alunos. (p.11).

Apesar de se referir à realidade moçambicana, as ideias expressas por pelo autor da citação a cima é totalmente relevante, visto que a semelhança existente entre Guiné e Moçambique não se distanciam, isto é, no que nos referimos à diversidade linguística. A necessidade de se ter professores devidamente habilitados para lidar com as variedades de línguas existentes é fundamental. Isso colabora para que se tenha um processo de aprendizagem que não seja excludente, tampouco se distancie da realidade dos seus falantes.

As questões que envolvem a educação nos países PALOP, já é algo bastante discutido entre estudiosos, no entanto, há necessidade de se ouvir as mazelas do ponto de vista do falante, uma vez que são eles os que convivem com as dificuldades envolvendo a educação na língua do colonizador. Conforme pode ser visto na fala do entrevistado H, o qual chama atenção para o processo de ensino e aprendizagem do Português como língua oficial em seu País:

Aprendi a língua portuguesa na escola. Os professores não importavam com o entender dos alunos, talvez pela fraca formação, repassavam todos os conteúdos do material didático proveniente de Portugal, como se a língua portuguesa fosse a nossa língua materna, essa distância entre conteúdos e vivências dos alunos, constitui na maioria das vezes, um sério problema aos alunos, os professores com formação limitada não conseguem fazer muita coisa, para inverter ou ajudar os estudantes, não tenho boas recordações do aprendizagem da língua portuguesa, pois não foi um processo amigável, porque era uma obrigação e não era permitido que os alunos expressassem na língua em que sentem livres e a vontade, aprendi a língua portuguesa nesse dessa maneira (DISCENTE H, 2019).

Como pode ser percebido na fala acima, o entrevistado H confirma que há um distanciamento das línguas nativas, com os materiais de ensino, que segundo ele vem de Portugal e acaba por se constituir um grande problema relacionado à educação. Além disso, o despreparo na formação dos professores, como já foi citado capítulos anteriores, é algo que contribui para que o entendimento dos alunos em formação seja dificultoso. Segundo o entrevistado o professor não podia fazer muita coisa, ou pareciam não se importar com o entendimento dos alunos, apenas aplicavam os materiais provenientes de Portugal.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo compreendeu o cenário da Língua Portuguesa no contexto Guiné Bissau. A partir das narrativas de estudantes guineenses, que vieram para o Brasil a partir de uma ressignificação da diáspora. Visando a inserção nas universidades públicas de ensino. Percebe-se que 100 % dos conferenciados, não aderem ou consideram a língua Portuguesa como L1 ou LM, neste caso a língua de afetividade relatada por grande parte dos entrevistados é o crioulo guineense, fula e o balanta.

Com base nas falas dos entrevistados, foi possível constatar, que há um estranhamento relacionado ao português brasileiro e o português guineense, no que se refere a algumas palavras que compõem o cenário linguístico dos entrevistados. Entre as palavras que mais foram citadas nas entrevistas estão; bicha, rapariga, barril e quiabo. Os discentes G e H revelaram em seus discursos terem se surpreendido com o sotaque e modo de falar dos baianos. Isso e mesmo já tendo tido contato prévio com falantes do PB.

Foi percebido que grande parte os entrevistados tiveram dificuldades em relação à adaptação do PB, sobretudo os calouros, devido às dificuldades de adaptação a língua local. Alguns dos discentes entrevistados, disseram não ter sofrido estranhamentos em relação à língua. Entretanto, afirmaram já ter tido algum tipo de contato com falantes do PB, o que segundo eles, foi fundamental para que se evitassem o uso de certas palavras.

As novelas foram citadas como sendo uma das maiores formas de propagação e circulação do português em seus respectivos países. Para os entrevistados assistir as telenovelas, contribuiu para familiarização com o PB. Além disso, ressaltaram que apesar terem vivenciado situações envolvendo o conflito com a língua, houve entre eles alguém a chamar a atenção para o uso inadequado das palavras.

Entende-se que os casos citados no decorrer da pesquisa (especificamente na análise dos dados), não só estão relacionados à deficiência do ensino do Português, tão pouco a formação dos professores, mas sim em uma variação linguística existente, devido a fatores que envolve a diversidade regional e social de ambos países pesquisado.

Entretanto, reconhecemos e ressaltamos a necessidade de uma política linguística que oriente e valorize as línguas nativas presentes em Bissau, assim como também a construção de um modelo educacional que esteja em sincronia com a realidade local, permitindo e produzindo metodologias de ensino que utilize as línguas locais no processo de ensino aprendizagem e que desenvolva um olhar humanista capaz de facilitar o ensino.

Assim espera-se que esta pesquisa contribua de forma positiva para se perceber as experiências desses estudantes no Brasil, na cidade baiana de São Francisco do Conde, assim como também, compreender e reconhecer a especificidades que envolvem os países analisados em relação aos diferentes significado de uma mesma palavra, e assim agregar conhecimentos aos estudos nas áreas da língua e linguagem.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, I. **Muito Além da Gramática: Por um ensino de línguas sem pedras no caminho**. 1.ed. São Paulo:Parábola, 2007.
- ALMEIDA-FILHO, P.J.C. O Ensino de Português como Língua não-materna: Concepções e Contextos de Ensino. **Museu da língua Portuguesa**.
- BAGNO, M. **Nada na Língua é por acaso: Por uma pedagogia da variação linguística**. 1.ed. São Paulo:Parábola, 2016.
- BAGNO, M; STUBBS. M; GAGNÉ. G. **Língua Materna, Letramento, Variação e Ensino**. 1. ed. São Paulo:Parábola, 2002.
- BAGNO, M. **Preconceito linguístico** 56ª. Ed. São Paulo: Parábola, jan.2015.
- BRASIL, Lei n 7.948, De 12 de Março de 2013. Dispõe sobre o Programa de Estudantes-Convênio de Graduação - PEC-G. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2013/Decreto/D7948.htm> Acesso em: 07/11/2019.
- BRASIL, Lei n.12.289, De 20 de Julho de 2010. Dispõe sobre a criação da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12289.htm>. Acesso em: 06/09/2019.
- BRASIL, Nações. Unidas. Disponível em: < <https://nacoesunidas.org/o-que-e-cooperacao-sul-sul-e-por-que-ela-importa/>>. Acesso em: 28/12/2019.
- CÁ, V.J.B. **Língua e ensino em contexto de diversidade linguística e cultural: o caso de Guiné-Bissau**. 2015. 176 f. Dissertação (Conhecimento e Inclusão Social)- Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte, 2015.
- COUTO, Hildo Honório do; EMBALÓ, Filomena. Literatura. Língua e cultura na Guiné-Bissau um país da CPLP. – PAPIA, São Paulo, nº 20, 2010.
- CABETE, Marta. **A aprendizagem da língua de acolhimento: a perspectiva do Portugal Acolhe**. 2010. 135 f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura Portuguesa, PLE/PL2) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2010.
- CHAUI, Marilena. **Convinte a filosofia**. Ed. Ática, São Paulo, 200.
- CASTILHO, Ataliba T. (USP, CNPq) **Saber uma língua é separar o certo do errado?** Museu da Língua Portuguesa, 2009. (p. 01 – 24).
- DUARTE. R. **Entrevistas em pesquisas qualitativas**. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n24/n24a11.pdf>>. Acesso em: 01/10/2019.
- GAGLIARI, L. C. Alfabetização e Linguística. 6. ed. São Paulo: Scipione, 1993.

GROSSO, M.J.R. **Língua de acolhimento, língua de integração**, v.9, n.2,2010.

GAGLIARI, L.C. Algumas Questões de Linguística na Alfabetização. Disponível em: <<https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40140/1/01d16t05.pdf>> Acesso em: 01/10/2019.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Guiné-Bissau: Registros de uma experiência em processos**. 2º edição. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1977.

FANON, Frantz. Os condenados da Terra. V,42. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

LE MOS, A.F.F.C. **Língua e Cultura em Contexto Multilíngue: Um olhar sobre o sistema educativo em Moçambique**, Curitiba, v.34, n 6,p.17-32, maio/jun.2018.

POSSENTI, S. **Por que (não) Ensinar Gramática na Escola**. São Paulo: Coleção Leituras no Brasil,. 1996.

RIGONATTO, Mariana. "O que é variação linguística?"; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/portugues/o-que-e-variacao-linguistica.htm>. Acesso em 16 de dezembro de 2019.

SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de linguística geral. 27. Ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SOARES, M. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. MG, 2003.

UNIDAS, O Plenário da Associação Internacional para o Desenvolvimento da Comunicação Intercultural às Nações (Org.). Declaração Universal dos Direitos Linguísticos. 1987. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/deconu/a_pdf/dec_universal_direitos_linguisticos.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2019.

UNILAB, Disponível em: <<http://www.unilab.edu.br/>>. Acesso em: 01/10/2019.
VYGOTSKY, L. S. **O desenvolvimento psicológico na infância**. Tradução Cláudia Berlier. São Paulo: Martins Fontes, 1998.